

SOCIOLOGIA DAS RELAÇÕES ÉTNICORRACIAIS: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO

Joel Silveira Ledesma ¹; Suzana Arakaki ²

¹ Bolsista UEMS Estudante do Curso de Ciências Sociais da UEMS, Unidade Universitária de Amambai;

Email: joel_silveira2@hotmail.com.

² Orientadora; Professora do Curso de História da UEMS, Unidade Universitária de Amambai;

Email: arakaki@uems.br

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – Sociologia - Sociologia do Conhecimento –
Educação

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados finais do projeto de extensão desenvolvido no ano de 2010. A proposta teve como público alvo as escolas da rede básica pública de ensino (ensino fundamental e médio) na cidade de Amambai. Abordando questões/discussões sociológicas sobre racismo, preconceito e, discriminação racial. A metodologia utilizada partiu-se da revisão da bibliografia, materiais midiáticos como filmes, músicas e imagens e, do debate com os alunos através de questionamentos e interação. Também apresentou um pouco da história da África e dos afrobrasileiros, com o intuito de demonstrar as contribuições da população negra no Brasil. A discriminação racial é algo explícito em algumas épocas da história, subliminar nos dias de hoje, através do mito da “democracia racial”. Dentro da sociedade são vários os meios que influenciam as pessoas para o racismo velado, como por exemplo, o cinema, a mídia em geral e, a sociedade como um todo. Visto que o preconceito é algo transmitido culturalmente, promovendo um preconceito que não é “visível”, influenciando na discriminação de uma sociedade já desigual em termos de classes, para a desigualdade cultural.

Palavras-chave: Racismo. Discriminação racial. África. Afrobrasileiros.

Introdução

Vivemos em meio a uma sociedade “pós-industrial” onde constantemente percebemos a necessidade de repensarmos as relações sociais. É cada vez mais frequente nós enquanto acadêmicos, futuros docentes ou mesmo enquanto cidadãos, fazermos várias indagações do tipo: Como posicionar-se diante de uma gama de problemas sociais? Como desconstruir conceitos e ideologias histórica e socialmente construídos? De que forma a educação para a

vida em sociedade nas diversas instituições podem reverter o processo e formar pessoas críticas e transformadoras da sociedade?

Tendo em vista essas questões, constatamos o quão são complexos os problemas que nos afligem e de que cada vez mais nos deparamos com vários novos desafios. Ao passo que estamos em constante movimento de transformação. É sabido que não é possível abordar vários problemas de um modo geral. Desta forma este trabalho partiu da realidade educacional, entendendo a educação escolar como força motriz de transformação no tocante das relações étnicorraciais entre negros e não-negros.

O processo histórico e ideológico que caracteriza o surgimento do racismo científico sempre esteve presente na história das sociedades, apesar da prática em si ser uma manifestação da modernidade. A escravização em si não esteve necessariamente relacionada com a escravização negra. Em sociedades mais remotas como na Grécia Antiga a prática escravista era dada por fatores ligados as relações de poder entre patrícios e plebeus. Intelectuais conhecidos como Aristóteles julgavam necessários a escravidão para o bom funcionamento da *pólis*¹, sendo importante a existência de homens de trabalho e homens para pensar.

[...] O escravo está conforme a natureza para qual sua condição é justa e útil, ou a escravidão é uma violação da natureza?

[...] Pois que alguns devem comandar e outros obedecer não é uma coisa somente necessária, mas também útil. Entre os seres, desde o nascimento, alguns são destinados ao comando, e outros à obediência; há várias espécies, entre eles, de comandantes e comandados, e o comando mais elevado é aquele que é praticado sobre súditos mais elevados. Desse modo, comandar homens é mais elevado que comandar animais, Pois, o trabalho executado por seres perfeitos é ele mesmo mais perfeito. Ora, em toda parte em que há um que comanda, de um lado, e um que é comandado, do outro, o resultado é uma obra. (ARISTÓTELES, 2008. p. 60)

Considerando tal período histórico, a ideologia decorrente não estava necessariamente ligada à escravização negra ou questões “raciais”. Mas constituindo assim uma “justificativa” para as desigualdades.

Mais a diante pode-se constatar várias outras teorias tanto religiosas quanto científicas para o sistema escravista. No cristianismo

[...] Não obstante suas prédicas sobre o amor ao próximo, a fraternidade e igualdade entre os seres humanos, desde logo admitiu a escravidão. Santo Ambrósio, Santo Isidro de Servilha, Santo Agostinho explicavam-na como parte do castigo pela perda da graça divina. Quem nascesse escravo deveria conformar-se e esperar pela libertação no reino dos Céus. (QUEIROZ, 1993. p. 52).

¹ É uma “sociedade política, a mais alta dentre todas as associações, a que abarca todas as outras, tem em vista maior vantagem possível, o bem mais alto dentre todos.”(ARISTÓTELES, 2008. p. 53)

Dessa forma após todos esses aparatos ideológicos e na urgência de ampliação do comércio e acumulação de riquezas, estava pronta a justificação perfeita para a escravidão.

A Europa como continente colonizador dos povos africanos para legitimar sua dominação julgavam esses como povos primitivos na qual teriam a missão civilizatória.

Durante as décadas de 1850 a 1870 as ideias de raça e racismo se consolidaram na Europa. A partir dessa época, generalizou-se a crença de que certos povos, por questão de raça, não tinham capacidade para progredir como tantos outros, e os europeus passaram a reconhecer grandes diferenças entre brancos e outras raças. Ao fim do século XIX, na Inglaterra, já existiam inquestionáveis evidências de hostilidade aos negros. (AZEVEDO, 1990. p.25).

Havia também fatores biológicos ligados à criminalidade “O criminologista italiano Lombroso assinalava os estigmas do criminoso nato: de pele escura, nariz largo, lábios grossos, ou seja, um negro”. (LIMA, 1994. p. 70).

Com o desenvolvimento evolucionismo de Darwin, através da obra *Origem das Espécies* “ com a teoria da evolução das espécies, a qual não apenas afetava a crença na origem separada de cada espécie, mas também admitia que as raças não eram permanentes e podiam mudar com o tempo.”(AZEVEDO, 1990. p. 25). Da teoria de Darwin até a explicação no social era apenas um passo para na Inglaterra com Spencer surgir o “Darwinismo Social”.

No evolucionismo social existia a ideia fixa de estágios a serem seguidos para alcançar um patamar de “civilização” ou “progresso”, então necessariamente as populações diferentes da Europa que ainda não chegara ao desenvolvimento econômico, social e político, estariam vivendo um atraso ao passo de que essas nações mais desenvolvidas já haviam vivido.

A questão do preconceito racial se faz presente na história do Brasil em termos de constituição do país enquanto nação. A busca constante por uma fisionomia traz uma falsa ilusão de uma “democracia racial”. A então teoria que caracterizava a nação formada pela convivência pacífica e harmoniosa das três raças que compunham o Estado nacional: índios, brancos e negros.

Essa visão “romântica” atribuída a um dos primeiros sociólogos do Brasil nas décadas de 1960, Gilberto Freyre, foi amplamente criticada por outros, até mesmo pelos ativistas dos movimentos negros. A noção de democracia racial na verdade logo após interpretada como mito, em várias pesquisas mostrou que trazia sérios problemas de segregação racial com efeitos reais na prática social e não apenas ligada a situação econômica do país.

Na atualidade após “desfeitos” todos esses mitos e, na compreensão da existência de apenas uma raça (a humana) e de que diferenças entre cor ou qualquer outro traço cultural não são influenciados no caráter humano, o que se percebe ainda são resquícios de mentalidades

preconceituosas. Esse preconceito ainda se faz enraizado na forma de um racismo “subliminar” que não é perceptível aos olhos das pessoas que o cometem, por receberem cargas de preconceito o tempo todo de vários meios (cinema, mídia em geral, escola, família).

No cinema ainda não é muito comum de se observar negros retratando posições de destaque. Ora estão representados como bandidos, traficantes. Ora como membros de uma classe desprivilegiada como empregados, motoristas. Ganhando destaque quando o foco é a escravidão.

Ressaltar a contribuição da poluição negra no Brasil se faz pertinente e, não apenas buscar supervalorização de modelos europeus de sociedade

[...] Trazido como imigrante forçado e, mais do que isto, como escravo negro africano e os seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão. Em todas as áreas do Brasil eles contribuíram a nossa economia em desenvolvimento, mas, por outro lado, foram sumariamente excluídos da divisão dessa riqueza. (MOURA, 1992 p. 7).

Não apenas no campo econômico, a contribuição africana é vasta na cultura brasileira, traços culturais africanos são facilmente analisados nos dialetos, danças, artes, tecnologias, rituais, religião entre outros. Ressaltar essas contribuições recentemente se tornou Lei através das reivindicações de ativistas do Movimento Negro com a promulgação da Lei 10.639/03 que garante em todo o currículo escolar que seja introduzida a História da África e da Cultura afro-brasileira.

Com base nesses estudos, os objetivos foram demonstrar os conceitos e teorias decadentes e que não mais justificam a opressão e a discriminação racial. Assim como também problematizar as situações discriminatórias e os seus efeitos concretos na prática social.

Material e Métodos

De modo a satisfazer as expectativas do projeto tendo em vista os alunos da educação básica e pública de Amambai, inicialmente realizaram-se dois encontros sequenciais na Escola Estadual Vespasiano Martins com alguns alunos do ensino médio. Logo após aconteceu encontros na Escola Estadual Coronel Felipe de Brun e mais para o final os encontros foram na Escola Municipal Julio Manvailer com alguns estudantes do ensino fundamental.

A metodologia empregada foi preliminarmente o levantamento bibliográfico sobre as teorias das relações étnicorraciais especificamente de cientistas sociais e historiadores. Sociólogos como Antônio Sergio Alfredo Guimarães, antropólogos como Kabengele Munanga, Lilia Moritz Schwarz entre outros contribuíram para essa fase. Em seus estudos

brilhantes forneceram o aporte teórico necessário. A utilização de ferramentas audiovisuais (apresentações em *slides* em “*power point*” com imagens, músicas e filmes) o uso desses materiais de apoio facilitaram a exposição dos temas e, por outro lado contribuíram para que a assimilação fosse de maneira mais dinâmica e facilitada. A interação com os alunos também foi feita de modo que fossem instigados a participarem com perguntas e a partir das suas colocações iniciava-se um debate e que também objetivava fazer as devidas conclusões.

Resultados e Discussão

Através da realização deste projeto pude passar para os estudantes alguns conceitos referentes à História da África e cultura afrodescendente e também da problemática do racismo de uma forma mais dinâmica. Na medida do possível foram apresentados alguns conceitos históricos e sociológicos para sair um pouco da noção do senso comum.

As apresentações em *power point* traziam imagens que ilustravam algumas situações de preconceito e discriminação racial. Os filmes apresentados conforme a classificação, contribuíram também para uma melhor explanação posterior. Ao longo das discussões percebi entusiasmo por parte dos estudantes que contribuíram bastante com os debates e as reflexões e atividades.

Para criar uma imagem positiva da figura do negro na sociedade utilizei de alguns exemplos de contribuições das populações afrodescendentes para a construção nacional do país. Foram ressaltados alguns aspectos dessas culturas em que ganharam corpo até em termos de cultura brasileira.

Acredito que ações como esta são relevantes para que os mesmos possam refletir sobre seus comportamentos diante de situações discriminatórias e, também para propagarem essa consciência como uma forma de desconstrução do processo ideologicamente construído, que é o racismo.

Conclusões

O que se pode dizer sobre ações de extensão é que são muito relevantes como instrumento de conscientização e formação de cidadãos mais participantes da sociedade. Fazendo um importante contraponto entre teoria e prática. Um projeto como este se diferencia um pouco da rotina de sala de aula para os estudantes e ao mesmo tempo traz alguns subsídios para nós enquanto futuros docentes; há uma troca constante de conhecimentos e aprendizado.

Os jovens depois de entrar em contato com a problematização do assunto que é demonstrado de maneira informal, dinâmica, amigável, através do apoio de recursos

mediáticos, imagens, informática conseguem assimilar os assuntos com mais “precisão” sendo estes elementos “facilitadores” da aprendizagem.

O cinema, por exemplo, não deve ser apenas visto como instrumento de divulgação de ideologias, formas de pensar, modos de agir. Também passa do limite de apenas entretenimento, sendo importante uma análise crítica. De maneira adequada é uma fonte de aprendizagem.

Tratar a discriminação de forma geral parece ser adequado para os estudantes dessa idade, nas diversas instituições como (família, escola, sociedade de um modo geral), pois, os estereótipos que são atribuídos aos negros estão por todas as partes na forma de “piadinhas” que sempre os colocam em uma posição inferior. A representação do negro no cinema a muito tempo não tem sido das melhores. Dessa forma, interpretar essas ideologias que são transmitidas de maneira crítica contribui para uma melhor compreensão das relações sociais. O que devemos é conseguir identificar essas ideologias racistas na sociedade como um todo. Portanto, creio que o projeto trouxe bastante estes questionamentos e essa crítica à tona.

Agradecimentos

Ao apoio dos coordenadores pedagógicos com a aplicabilidade do projeto e aos diretores quanto à concessão da infraestrutura e dos recursos audiovisuais.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. 4. ed. Tradução Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008. (Coleção a Obra-prima de cada autor 61).

BRASIL. **Lei nº. 10.639** de 09 de janeiro de 2003.

AZEVÊDO, Eliane. **Raça: Conceito e Preconceito**. 2. ed. São Paulo: Princípios, 1990.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999.

_____. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n 1, vol. 29, Jan./Jun 2003.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nila lino. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global editora e Distribuidora Ltda, 2006. (Coleção para entender).

RODRIGUES, João Carlos. **O negro Brasileiro e o Cinema**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2001.

SCHWARZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.